

Noel Clarasó (1905-1985), escritor espanhol

Helio Begliomini

Acadêmico emérito titular da Cadeira 21

## ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO – VIVÊNCIA DE QUASE 30 ANOS DOS 120 DE SUA HISTÓRIA!

*“Só há um meio de viver cem anos: ter o máximo cuidado aos noventa e nove.”*

Poucas entidades brasileiras podem se ufanar tanto em sua longevidade como a Academia de Medicina de São Paulo, que, neste ano – precisamente em 7 de março de 2015 – completou 120 anos de existência!

Aliás, dentre as poucas instituições paulistas mais antigas em atividade têm-se a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, fundada em 11 de agosto de 1827, e, como consequência tardia, surgiria 47 anos após o Instituto dos Advogados de São Paulo, criado em 29 de novembro de 1874; a Santa Casa de Misericórdia de Santos, surgida em 1549, a Real e Benemerita Associação Portuguesa de Beneficência, fundada em 2 de outubro de 1859, e a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo<sup>1</sup>, fundada em 1602 – as três –

no gênero, do Brasil! À época de sua fundação, funcionava como um polo aglutinador e responsáveis por hospitais não governamentais; o Instituto de Infectologia Emílio Ribas<sup>2</sup>, inaugurado, em 1880, como o Lazareto dos Variolosos, posteriormente, Hospital de Isolamento de São Paulo, constituiu-se no primeiro hospital público da capital paulista; o Instituto Adolfo Lutz<sup>3</sup>, originado da fusão do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, fundado em 1893<sup>4</sup>, com o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas e do Instituto Vacinogênico, fundado em 1892; e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, constituído em 1º de novembro de 1894, apenas quatro meses antes da Academia de Medicina de São Paulo, sendo alguns de seus ilustres membros fundadores comum a ambos os sodalícios.

Dentre outras longevas entidades paulistas, encontram-se a título de ilustração o Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, que foi inaugurado em 7 de setembro de 1895 como museu de história natural; o Instituto Agrônomo de Campinas, fundado em 1887 pelo imperador dom Pedro II (1825-1891) como Imperial Agrônomo de Campinas<sup>5</sup>; o Asilo de Alienados do Juqueri, idealizado e fundado, em 1898, pelo ilustre psiquiatra paulista Francisco Franco da Rocha (1864-1933), e que passou a ser denominado, em 1929, de Hospital e Colônia de Juqueri; o Instituto Serunierápico do Estado de São Paulo, fundado em 1901, que depois foi denominado de Instituto Butantã e teve como primeiro diretor Vital Brazil<sup>6</sup>; o Instituto

1 A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo já esteve alojada no largo da Misericórdia, Chácara dos Ingleses e rua da Glória, até ser inaugurado, em 1884, o Hospital Central, no bairro de Santa Cecília.

2 Emílio Marcondes Ribas (1862-1925) é o patrono da Cadeira 56 da Academia de Medicina de São Paulo. Embora jamais tenha sido o diretor desse hospital, ele, juntamente com Adolpho Lutz, fez em suas dependências uma das mais importantes descobertas médicas do país: a confirmação do mosquito como vetor de transmissão da febre amarela. Nos testes, os dois se deixaram picar várias vezes por mosquitos infectados. Em homenagem ao cientista Emílio Ribas, que em consequência de suas pesquisas conferiu a essa instituição projeção internacional, o hospital recebeu seu nome em 1932.

3 Adolpho Lutz (1855-1940, seu nome original era com ph – Adolpho) foi o primeiro diretor do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo. Ele marcou o início da microbiologia no Brasil. Renomado cientista, sua obra tomou vulto, dando não somente prestígio à instituição, mas também colaborando na formação de outros pesquisadores. A entidade recebeu seu nome como homenagem póstuma em 1940. Ademais, Adolpho Lutz é honrado como patrono da Cadeira 81 da Academia de Medicina de São Paulo.

4 Teve início em 1892, como Laboratório de Bacteriologia do Estado de São Paulo.

5 Em 1892 passou para o governo do estado de São Paulo.

6 Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950) é o patrono da Cadeira 62 da Academia de Medicina de São Paulo.

Pasteur de São Paulo, fundado em 1903; o Sanatório Santa Catarina, inaugurado em 6 de fevereiro de 1906 pelas irmãs da Congregação de Santa Catarina, e que passou a ser chamado Hospital Santa Catarina em 1974; a Academia Paulista de Letras, fundada em 27 de novembro de 1909; e o Instituto Biológico, criado em 1927.

Curioso é que a Academia de Medicina de São Paulo, constituída em seus anos iniciais por médicos formados no Rio de Janeiro, na Bahia ou no exterior, veio à lume 17 anos antes da implantação, em 19 de dezembro de 1912, da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo<sup>7</sup> e 23 anos anterior à primeira safra de médicos graduados no torrão paulista!

A Academia de Medicina de São Paulo, surgida como Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, é a mais antiga instituição associativa médica paulista e uma das mais longevas, referencial da classe médica, que propiciava não somente ao que hoje chamamos de educação continuada, como também se constituía num ambicionado areópago, no qual se apresentavam e se discutiam ideias de trabalhos inovadores. Ademais, dentre outras funções, nela se exercitava de forma incipiente a ética e a defesa profissional, embora esses termos sequer fossem explícitos ou tivessem o mesmo valor e compreensão atuais que lhes foram paulatinamente acrisolados pelo tempo.

Com o evoluir das décadas subsequentes houve aumento exponencial da população e, proporcionalmente, em menor escala do contingente médico, implicações e responsabilidades sociais crescentes, assim como a multiplicação de conhecimentos, que redundaram, inexoravelmente, na necessidade de se diversificar, organizar e se especializar em diversas frentes de atuação relacionadas ao trabalho médico.

Assim, em 1929, surgia o Sindicato dos Médicos de São Paulo (Simesp), embora só tivesse reconhecimento em 29 de maio de 1941. Em 29 de novembro de 1930 foi criada a Associação Paulista de Medicina (APM), com cem associados fundadores – entidade ilimitada quanto ao número de associados –, diferentemente do que determinava o Estatuto da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, então com quase 35 anos de existência, a uma restrita elite participantes<sup>8</sup>. Em 26 de janeiro de 1951 foi inaugurada a Associação Médica Brasileira (AMB); os Conselhos Regionais de Medicina, que instituídos inicialmente pelo Decreto-Lei 7.955, de 13 de setembro de 1945, adquiriram suas características atuais somente a partir da Lei 3.268, de 30 de setembro de 1957; e o Conselho Federal de Medicina (CFM), criado em 1951, bem como dezenas e dezenas de sociedades de especialidades e subespecialidades surgidas a partir das primeiras décadas do século 20.

Em decorrência, como entender o papel da Academia de Medicina de São Paulo dentre outros congêneres no contexto pluriforme da atualidade? Teria sentido mantê-la? Teria algo a mais a contribuir? Faz sentido sua continuidade? A essas três últimas perguntas não tenho dúvida nenhuma de que a resposta é categórica e peremptoriamente afirmativa.

Os silogeus não devem competir com quaisquer entidades afins em seus misteres. Ao contrário, devem utilizar a expertise, a proficiência e a sabedoria de seus profissionais – indiscutíveis virtudes! – em ações sinérgicas em prol de interesses comuns, e, no caso da medicina, vale ressaltar: a defesa insopitável e inegociável da vida humana – maior patrimônio do planeta Terra! – em todas as suas fases, particularmente as mais frágeis e indefesas; a busca incansável pelo esmerado, zeloso e honrado exercício profissional; a defesa intransigente do paciente, fulcro maior da arte de Hipócrates (460 a.C. – 377 a.C.); o resgate e o incentivo do humanismo e da caridade na abordagem do enfermo; a valorização de pesquisas científicas

7 Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo teve seu nome alterado em 1925 para Faculdade de Medicina de São Paulo, e, em 1934, para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

8 O Estatuto inicial, aprovado na segunda reunião preparatória, em 10 de março de 1895, consignava que a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo teria 50 participantes. Contudo, na primeira Assembleia ocorrida cinco dias após, na instalação do sodalício, em 15 de março de 1895, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, revogou-se o artigo 4º do Estatuto, e o número de participantes tornou-se ilimitado. Em maio de 1897, a entidade voltou a ter número limitado, prática que permaneceu até os dias atuais, modificando-se ao longo do tempo o número de participantes: 1897 (cem membros); fevereiro de 1920 (130 membros); 1936 (120 membros); 1961 (150 membros); 1989 (200 membros); e, a partir de 2004, (130 membros).

em prol do ser humano; o estímulo pelo contínuo aprimoramento e atualização do conhecimento médico; a busca pela melhoria das condições de trabalho; a luta por honorários dignos; e o incremento cultural da classe médica com valorização particular à história da medicina e seus heróis na arte de curar.

Em ação complementar, uma Academia de Medicina deve tratar com atenção todas as ações na área da saúde, e, de modo especial, aquelas que se referem à saúde pública, que visem à prevenção, minoração ou erradicação de doenças e condições mórbidas, pois não se pode minimizar sua necessária ação social, quer seja de forma explícita ou implícita.

A Academia de Medicina de São Paulo tem albergado, desde o seu nascedouro, ilustres esculápios que se destacaram no exercício da profissão; que atuaram ou que atuam como cientistas, pesquisadores e professores universitários ou em hospitais de ensino; que dirigiram ou dirigem serviços especializados, hospitais e faculdades, ou que governaram universidades; que desempenharam ou desempenham os mais diversos cargos e funções governamentais atinentes ao município, ao estado e à nação; que integraram ou que integram, com destaque, inúmeras sociedades de especialidades; e que dignificaram ou dignificam entidades de defesa da classe, tais como o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), a APM, o Simesp, o CFM e a AMB. Ademais, muitos de seus membros igualmente se destacaram ou se destacam como escritores, pensadores e intelectuais da elite, pois também pertenceram ou fazem parte de renomadas entidades científicas internacionais, assim como de silogeus literários e culturais, que lhes conferiram significativas honrarias e homenagens.

Esse inestimável e multiforme cabedal curricular – ético, científico, histórico, educacional, cultural, intelectual e profissional, dificilmente passível de se reunir em quaisquer entidades da classe – tem-se constituído secularmente (sem dúvida alguma!!!) no maior patrimônio da Academia de Medicina de São Paulo. Ele deve ser catalisado sinergicamente com outras entidades afins para o contínuo aprimoramento e dignificação do mister hipocrático.

Tive o privilégio e a honra inaudita de ingressar ainda jovem na insigne Academia de Medicina de São Paulo, na gestão 1985-1986 do eminente professor de medicina legal Odon Ramos Maranhão<sup>9</sup> (1924-1995), 74º presidente dessa singular entidade. Nesses quase seis lustros de pertença a esse venerável sodalício, tenho vivido 25% de sua saga. Conhecendo apreciável parte de seu passado, de seus ilustres membros de antanho, assim como sendo testemunha ocular do último quartel de sua história, tenho certeza de que a Academia de Medicina de São Paulo é tão ou mais necessária à medicina, aos médicos e à sociedade paulista do que foi em seus albores, pois nela reside irretorquível e inextricavelmente o lastro da essência médica!

Aludindo ao pensamento em epígrafe de Noel Clarasó, que esses 120 anos de existência da Academia de Medicina de São Paulo sejam não somente motivo de efusiva comemoração, mas também de reflexão, a fim de que este augusto silogeu e seus membros possam melhor planejar e empreender com galhardia e destemor a caminhada de seus próximos decênios.

<sup>9</sup> Odon Ramos Maranhão foi professor de medicina legal da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, assim como da Universidade Mackenzie e das Faculdades Metropolitanas Unidas.